

Temporalidades

Temporalities

Temporalidades

Eva Alves Lacerda

Universidade do Estado de Santa Catarina

E-mail: evaalveslacerda@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1008-9224>

Silvana Barbosa Macedo

Universidade do Estado de Santa Catarina

E-mail: silvana_b_macedo@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4741-0595>

RESUMO

Neste ensaio visual exponho uma série de experimentações pictóricas que se desdobram de minhas investigações poéticas que buscaram pensar a relação entre tempo e pintura, fluxo e metamorfose. A série de pinturas cinéticas apresentadas aqui aborda o tempo por meio do registro de aspectos efêmeros da paisagem. Apresento objetos artísticos compostos pela combinação de múltiplas temporalidades que coexistem em movimento contínuo, propondo paisagens em constante transformação a partir da perspectiva do tempo cíclico, orgânico e contínuo em contraposição ao tempo linear, mecânico e fragmentado da vida contemporânea.

Palavras-chave: *Pintura. Tempo. Paisagem.*

ABSTRACT

In this visual essay I expose a series of pictorial experiments that unfold from my poetic investigations that sought to think about the relationship between time and painting, flow and metamorphosis. The series of kinetic paintings presented here addresses time through recording ephemeral aspects of the landscape. I present artistic objects composed of the combination of multiple temporalities that coexist in continuous movement, proposing landscapes in constant transformation from the perspective of cyclical, organic and continuous time as opposed to the linear, mechanical and fragmented time of contemporary life.

Keywords: *Painting. Time. Landscape.*

LACERDA, Eva Alves; MACEDO, Silvana Barbosa. **Temporalidades.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 29, set-dez. 2023

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2238-2046.2023.46610>>

RESUMEN

En este ensayo visual expongo una serie de experimentos pictóricos que se desarrollan a partir de mis investigaciones poéticas que buscaron pensar la relación entre tiempo y pintura, flujo y metamorfosis. La serie de pinturas cinéticas que aquí se presentan aborda el tiempo registrando aspectos efímeros del paisaje. Presento objetos artísticos compuestos por la combinación de múltiples temporalidades que conviven en continuo movimiento, proponiendo paisajes en constante transformación desde la perspectiva del tiempo cíclico, orgánico y continuo frente al tiempo lineal, mecánico y fragmentado de la vida contemporánea.

Palabras clave: *Cuadro. Tiempo. Paisaje.*

Artigo recebido em: 01/05/2023
Artigo aprovado em: 21/06/2023

Indivisível, sem início e sem fim. Ininterrupto, contínuo, eterno, cíclico, circular. O círculo e o tempo compartilham uma íntima relação, a infinitude.

A repetição, a continuidade, a metamorfose e a transformação circular inseridas no fluxo constante do tempo são também de onde parto para articular esta escrita e as obras pictóricas da série *Temporalidades*, num curso de pensamento que também se insere numa temporalidade cíclica.

Busco costurar o processo pictórico à escrita poética e ao pensamento verbal que atravessa uma reflexão sobre o tempo em diferentes momentos da vida. Para isso, articulo notas de diários e escritos sobre o tempo e sobre as pinturas que foram produzidas em intervalos de dias, meses e anos para escrever este texto.

Escrita e imagens são, portanto, contínuas, ininterruptas e circulares, porque conectam memória, presente, imagem e palavra numa rede cujo resultado é a multiplicidade de temporalidades.

É neste sentido que o círculo, aqui, é o elemento central do qual parte a reflexão poética do tempo. A roda, a rosácea e todas as figuras circulares cujo centro torna possível o movimento em torno do eixo foram amplamente usadas para representar o tempo ao longo da história. O contínuo movimento dos ponteiros do relógio termina por circunscrever um círculo.

Um dia um amigo me contou que seu pai havia lhe dito que todo adulto deveria ter consigo um relógio. Era como se o controle do tempo fosse uma virtude das pessoas responsáveis. Mas o relógio mecânico, do qual parente ancestral é o relógio solar, parece uma arrogante tentativa de racionalizar a natureza do sol, da transformação da luz do dia, da paisagem, do clima. É uma tentativa de capturar e controlar a indomável efemeridade. Uma espécie de máquina tirana, cuja função é o policiamento. A fragmentação é levada à extrema precisão com a invenção dos ponteiros dos minutos e dos segundos.

O fracionamento dos processos produtivos das máquinas nas fábricas passou a ser aplicado à vida urbana: existe hora de acordar, de comer, de trabalhar, de almoçar, de dormir e de recomeçar o dia. O automatismo da máquina subjuga o corpo orgânico. A sociedade moderna se organiza justamente na especialização e fragmentação das tarefas, que situam e classificam o lugar das coisas no mundo. Mas, com o avanço das tecnologias comunicacionais, o tempo e as relações de trabalho se aceleraram ainda mais na sociedade do cansaço, como aponta Byung-Chul Han (2017).

A função especializada toma lugar da inteireza das coisas. Nessas relações fragmentárias de produção, moderna e contemporânea, o fragmento separa-se do seu contexto e, assim, perde-se a noção do todo. A lógica de organização do trabalho nas sociedades modernas urbanas estabelece, muitas vezes, uma cisão entre o mundo da vida e o mundo mecanicista produtivista neoliberal (des)humano, entre o tempo lento da semente germinar e crescer e o tempo acelerado das máquinas capitalistas. A natureza vira objeto de estudo, mediada pelos instrumentos humanos de quantificação: relógios, telescópios, microscópios e barômetros. A máquina impõe distâncias entre mundo humano e mundo natural, compartimentando a complexidade da vida em disciplinas que organizam e classificam o conhecimento da natureza e, assim, garantem que o ponto de vista da máquina nunca seja percebido como um ponto de vista, e sim como uma verdade objetiva.

Parece que o último resquício do tempo da natureza, o dia, já não é suficiente para dar conta de todas as demandas que a vida fragmentada pelo relógio impõe. Quantas vezes eu desejei que houvesse mais horas no espaço de um dia.

Mas foi no espaço de um dia que, viajando de carro, fazendo o familiar trajeto do Rio de Janeiro a Maringá, passei horas e horas olhando o céu pela janela – como costumava fazer sempre que viajava. Talvez fosse uma das poucas situações no meu dia a dia em que me parecia plausível olhar despreocupadamente o céu pela duração de um dia inteiro. Neste dia desejei que fosse possível pintar toda a metamorfose colorida que acontece num espaço de tempo.

Quando vasculho minhas memórias eu me lembro que, de tempos em tempos, na pausa de uma brincadeira de criança, ou no meio de uma rotina de trabalho e estudos atribulada, eu costumava olhar para o céu. Este costume sempre me pareceu ter o efeito de fazer o tempo do relógio congelar, como se fosse possível pausar a vida. Talvez seja o estado meditativo que olhar para o céu invoca. O tempo me parece mais ou menos isso, uma mescla de beleza, angústia e desespero. Talvez olhar para cima me faça lembrar da pequenez da minha existência, da ansiedade gerada pelo medo da morte, que de alguma forma misteriosa se transforma em contemplação da vida diante da transitoriedade da minha existência.

O ato de olhar para o céu parece uma ação tão improdutivo e sem função na vida moderna que se torna uma espécie de rebelião contra o relógio. A revolta da ociosidade contra a produtividade. Na verdade, eu acho que tenho uma certa intimidade com o ócio.

É justamente nos lugares sem função produtiva que o tempo natureza parece se impor ao tempo mecânico: quadras abandonadas, terrenos não construídos, um amontoado de árvores, um espaço de grama onde se possa deitar e olhar para o céu. É justamente a falta de utilidade destes espaços para a sociedade moderna que fazem deles lugares de respiro. Pensei então que talvez fizesse mais sentido pintar a eternidade do tempo olhando para o céu, olhando para a luz, para as infinitas combinações de cores e formas que se modificam continuamente.

Retiro do relógio os ponteiros, os minutos e os segundos. Do relógio como suporte artístico, produzo pinturas que propõem outras relações com o tempo que não a linearidade. Depois, dos relógios, mantenho apenas a circularidade e a sugestão de movimento. As máquinas de caixi-

nhas de música substituem a máquina dos relógios e proporcionam às pinturas a circularidade do tempo que sugere o fluxo contínuo da vida. Nessa imersão, o particular se funde com algo maior, perpétuo; aqui não existe permanência, tudo é movimento.

Substituir o movimento da máquina pelo da natureza me ajuda a me mover e a me descobrir em outro tempo. Como seria poder ver a metamorfose da paisagem num relance de olhar?

pós?



Figura 1. Pintura Relógio #1, #2, #3, óleo sobre relógio e papel paraná, 2019.
Fonte: Eva Alves Lacerda, fotografia de Primo José Colli Arneiro.



Figura 2. Frames do movimento das obras Pinturas-relógio #1, #2, #3, 2019.
Fonte: Eva Alves Lacerda, acervo da autora.



Figura 3. Obra Pinturas Móveis, óleo sobre PVC e mecanismos de caixinha de música, 2019-2020. Fonte: Eva Alves Lacerda, fotografia de Primo José Colli Arneiro.



Figura 4. Detalhes da obra Pinturas Móveis, 2019-2020. Fonte: Eva Alves Lacerda, fotografia de Primo José Colli Arneiro e Maria Giulia Pinel Caramaschi Vizotto.

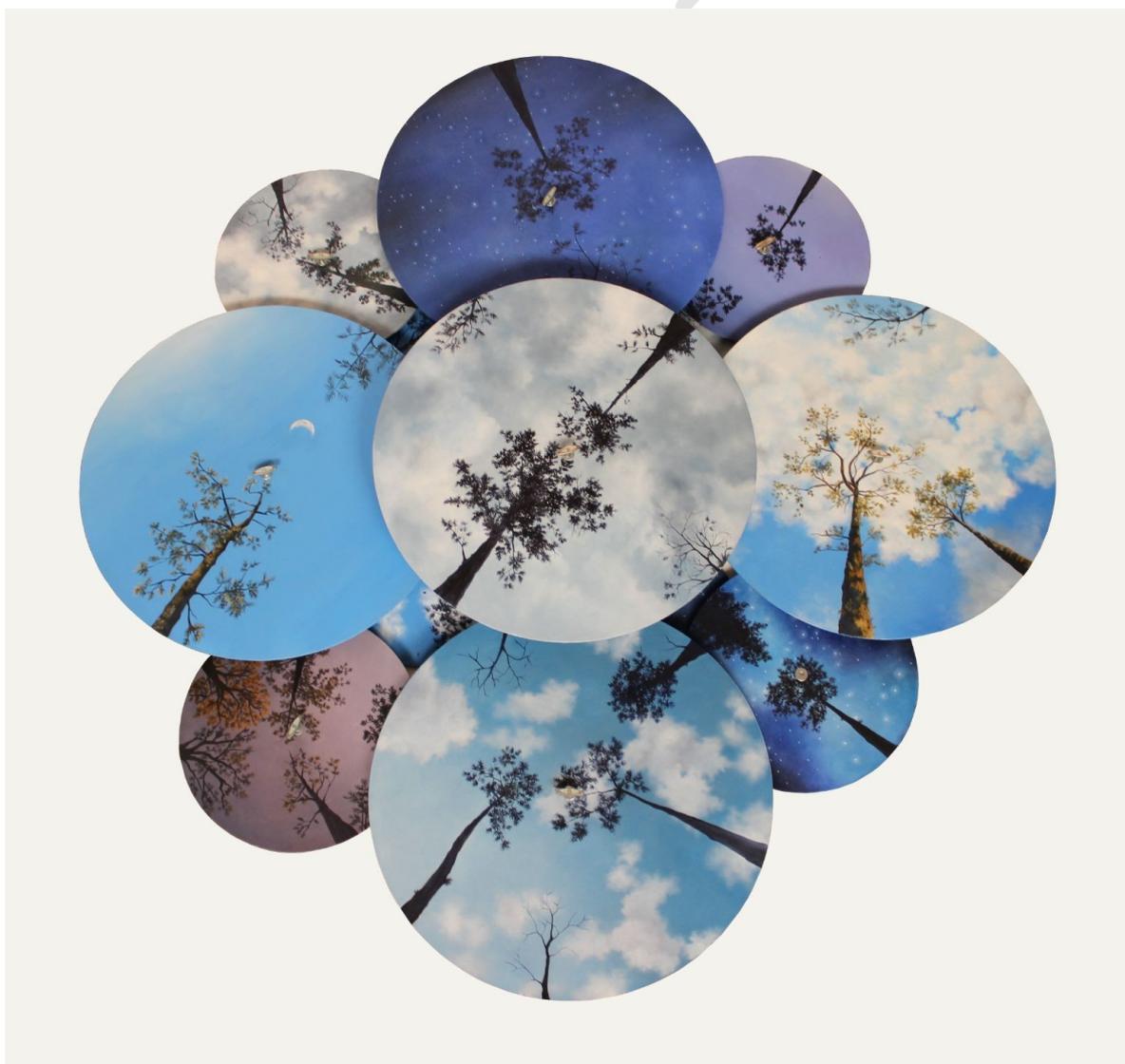


Figura 5. Obra Pinturas Móveis – Bosque das Grevíleas, óleo sobre PVC e mecanismos de caixinha de música, 2022. Fonte: Eva Alves Lacerda, acervo da autora.



Figura 6. Detalhes da obra Pinturas Móveis – Bosque das Grevíleas, óleo sobre PVC e mecanismos de caixinha de música, 2022. Fonte: Eva Alves Lacerda, acervo da autora.



Figura 7. Obra Campus UEM, óleo sobre PVC e mecanismos de caixinha de música, 2022. Fonte: Eva Alves Lacerda, fotografia de Maria Giulia Pinel Caramaschi Vizotto.

REFERÊNCIAS

HAN, Byhung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

pós: